

HISTÓRIA DO BALÉ (DA CORTE RENASCENTISTA À TERRA DE CASSIANO)

Eliete Cristina dos Santos¹ Valéria Zanetti de Almeida²

¹Aluna do curso de História, End: Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP

²UNIVAP/ Prof^a orientadora Valéria Zanetti de Almeida, doutoranda em História pela PUC- SP, professora na Universidade do Vale do Paraíba, Av. Shishima Hifumi 2911 - Urbanova, 12244-000 - São José dos Campos, SP
elietesantos13@hotmail.com, vzanetti@univap.br

Resumo - O estudo realizado pretende narrar a entrada do balé clássico na cidade de São José dos Campos. Dança nascida no ambiente nobre europeu, o balé toma corpo e importância na corte francesa do Rei Luiz XIV. Déspota que mais do que governar, dança da infância até a velhice. Abre a primeira escola de dança profissionalizante da Europa. O balé como arte da elite, chega até a antiga Rússia pelas mãos de Catarina, "A grande". Ballets criados na capital São Petersburgo ganham uma legião de praticantes talentosos. A nobre arte chega ao Brasil no início do século XX com a vinda da jovem bailarina russa Madame Olenewa. Incentivada pelo poder público do Rio de Janeiro, Olenewa funda a primeira escola de bailado, migrando para São Paulo. Com amplo sucesso, as capitais formam um número cada vez maior de bailarinas. Uma jovem, saída das salas de dança da capital paulista, chega à cidade de São José dos Campos no ano de 1968. Damares Antelmo ministra as primeiras aulas de balé na cidade. Mais de três décadas depois, a cidade torna-se referência nacional em dança, para felicidade de senhora Antelmo que permanece ainda ensinando os passos do Rei Sol.

Palavras chave: História, Dança e Cultura.

Área de Conhecimento: Ciências Humanas

Introdução

Por mais que deva parecer óbvio, nossa História só é possível porque estamos no mundo através de um corpo. E somente com ele, fomos capazes de empreender conquistas, pensar, engendrar revoluções enfim, realizar os eventos. Corpo que torna real as ações, sonhadas ou ocorridas por ação do acaso, e dá sentido aos fatos. Diferente de outros animais, o gênero humano é capaz de criar uma ordem de existência que não é simplesmente natural - física, biológica. Essa ordem é a ordem simbólica¹. Desse modo, identificamos, na cultura, esse "território" de invenção de uma ordem simbólica, que nela e por ela os humanos imprimem significações à realidade. A linguagem serve como única e fantástica "ponte" entre corpo e o universo da cultura. Cultura diz respeito à humanidade como um todo e, ao mesmo tempo, a cada um dos povos, nações, sociedades e grupos humanos.² Refere-se principalmente à dimensão de conhecimento de uma sociedade. Engloba aspectos da vida social, é produto coletivo, resultado de uma construção histórica extremamente complexa. São hábitos alimentares,

leis, organização familiar e instituições, relação com o sagrado, modos de expressão das emoções e arte. Culturas complexas e inumeráveis. Contudo todas tem, pelo menos, uma dança como tesouro e herança, como expressão autêntica e original de sua cultura. Cada dança portanto, é parte da identidade cultural que reflete símbolos do processo cultural daquele corpo. Dança pode ser observada como fenômeno cultural do gênero humano. Citando Misseno - "dança-se há mais de 10 mil anos e, historicamente, não se conhece um só povo que não dançasse, por mais primitivo que fosse."³ O presente estudo objetiva apenas a investigação da dança clássica. Abordamos o balé adotando a trajetória cronológica linear clássica. Consideramos uma breve citação da dança na Idade Antiga, Idade Média e nos períodos Moderno e Contemporâneo. Nosso olhar, por fim, fixa-se no corpo brasileiro, quando o balé chega ao Brasil no início do século XX.

Discussão

Qualquer pessoa que se considere bem informada pôde, algum dia, ter visto a um trecho de balé. De origem européia, o balé agrada o gosto de grande parte do povo brasileiro.

¹ CHAUI, Marilena. **Filosofia**. São Paulo: Ática, 1ª edição, 2000. pág 129.

² SANTOS, Luiz José. **O que é cultura?**, coleção primeiros passos, São Paulo: Brasiliense, pág 11.

³ MISSENO, C. José. **Vidança**: a dança na vida ou a vida na dança. São Paulo: OESP, : 1986.p 11.

Tentando buscar explicações para isso, nos recorremos a Zucolotto que argumenta que a dança segue praticamente por duas vias. A dança espiritual e a litúrgica. A dança espiritual tem caráter próprio, pois é geralmente produzida na forma de culto de participação coletiva, com a intenção de tomar contato com o sagrado e dele estar unido no tempo e no espaço. Exemplo dessa via são as danças primitivas e as danças que, na Antiguidade, eram formas de homenagem e meio de tentativa de diálogo entre os deuses do Olimpo. No Brasil, o Candomblé e a Umbanda são alguns exemplos. Por outro lado, as danças litúrgicas tem o foco no culto de relação, como a dança indiana, a dança moderna, a contemporânea e o balé.⁴ Nessa modalidade, existe a relação entre bailarinos e platéia. Elementos mágicos e recursos teatrais são apenas suportes da narração do tema. Porém, muito antes da dança apresentar-se no formato conhecido como palco & platéia, a dança, na Idade Média, geralmente manifestava-se na rua. Atores e dançarinos faziam seus espetáculos nas feiras, nos limites dos castelos. Ao longo da Idade Média, a dança não tinha caráter profissional sendo vista apenas como atividade recreativa, embora muitos artistas que se apresentavam em feiras e praças tinham-na como meio de vida.⁵ As danças populares foram combatidas pela Igreja pelo seu conteúdo pagão. Dessa forma, o teatro e a dança ficaram marginalizados. Os representantes destas artes, embora apreciados pelo povo e também pelos nobres, eram condenados pela Igreja. Manifestações de espontaneidade individual ou coletiva não combinavam com os cânones eclesiásticos. Foi no Concílio de Vanne (465) e no Concílio de Trento (1562) que a dança foi proibida através de documentos expedidos nesses concílios. A dança não poderia ser vinculada às festas e as ocasiões religiosas. As manifestações com caráter da dança espiritual, consagradas pelo povo, foram proibidas. Na periferia dos acontecimentos e fora do olhar da igreja, as danças da população pobre para festejo da chegada da primavera e do fim da colheita, resistiam. Do ponto de vista da igreja Católica Apostólica Romana, o corpo adoecia de uma esquizofrênia. Na voz de Recco "o corpo fora vítima do cristianismo pervertido pela dualidade platônica"⁶. A cisão ocorria na divisão entre um

corpo objeto da ação do demônio, fruto do pecado original e fonte da perversidade, ao passo que, a alma fora eleita elemento de via ao sagrado. Em função da dominação das "vontades do corpo", surgia na igreja, uma seqüência de métodos e manuais de flagelação. Tais condenações às manifestações do corpo, chegaram a ser tão duras que o próprio Tomás de Aquino (Século XIII) chegou a interceder pelos dançarinos populares.⁷ Marginalizados, bandos de funâmbulos, dançarinos, acrobatas, levaram vida miserável, de vilarejo em vilarejo, proibidos de tudo, discriminados, embora fossem apreciados pelo povo, que se divertia bastante com seus espetáculos. Contudo, é na Idade Moderna, que abriga o movimento Renascentista, onde a dança toma corpo. O Renascimento foi um período de alteração na visão ou concepção de mundo, uma visão do futuro. As cidades se desenvolveram, a expansão das navegações marítimas ampliava o mundo imaginário europeu, substituição do trabalho escravo pelo assalariado enfim, uma série de mudanças modificava as relações do corpo com o meio. Enfatiza-se a individualidade dentro de uma coletividade. Uma série de pensadores italianos viam o homem através do prisma Humanista⁸. A próspera classe burguesa apreciava a dança em espetáculos e festas executadas em salões. A dança então dividiu-se em: danças populares, danças da corte ou balletos. Esta origem aristocrática dos balletos marcou-a como uma arte das elites.⁹ apresentando elementos típicos da burguesia, tais como roupas pomposas, ornamentos de cabeça e calçados em pés que dançavam utilizando saltitos e andar calculados. Durante anos, a dança dos nobres executadas aos pares, ou por jovens meninas em espetáculos exóticos, atinge o auge de sua popularidade através do rei Luiz XIV (1643-1715). O "Grande Monarca", "O Rei Sol"¹⁰. Luiz XIV, rei com 5 anos de idade, amava a dança, parando de dançar apenas na velhice. Tornou-se um grande bailarino e com 12 anos dançou, pela primeira vez, no bale da corte. A partir daí tomou parte em vários outros ballets aparecendo como um deus ou alguma outra figura poderosa. Seu título "REI SOL", vem do triunfante espetáculo de balé, que durou mais de 12 horas. A dança tinha também um significado filosófico durante a Renascença. Muitas pessoas acreditavam que a harmonia de movimentos da dança refletia a

⁴ZUCOLOTTO, Alexandra; FREIRE, Ana Luíza Gonçalves. **A Divina Dança**. Porto Alegre: jornal Cultura & Cia, ed. agosto de 2003, nº20., acesso em 27 de outubro de 2004. www.idance.com.br/artigos.

⁵MENDES, Miriam Garcia. **A DANÇA**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987, Série Princípios, p. 19.

⁶RECCO, Thales Augusto Moreira; Martha G: **Intersemioticidade e composição coreográfica**, acesso em 27 de outubro de 2004. www.idance.com.br/artigos.

⁷MENDES, Miriam G. Op. cit. P. 18.

⁸BURNS, Edward Mcnall, **História da civilização ocidental**, 1, 39ªed, ed:Globo, p.345.

⁹MENDES, Miriam. Op. Cit. P. 24.

¹⁰BURNS,Edward Mcnall. Op. Cit. p: 438.

harmonia no governo, na natureza e no universo.¹¹ Por iniciativa do próprio rei, em 1661 foi fundada, a Academia Real de Ballet. Oito anos mais tarde, transformara-se em Escola Nacional de Ballet, hoje a atual Balé da Opera de Paris. Na academia fundada pelo rei Sol, os bailarinos trabalhavam o corpo utilizando o fundamento do en-dehors (ponta dos pés voltados para fora). A Academia Real de Música e Dança, a partir de 1669, passou a produzir discípulos que formaram os primeiros corpos de baile profissionais.¹² A dança deixara de ser passatempo da corte. Da Academia Real de Ballet surge, em 1713, o Ópera de Paris que abre as portas para súditos pobres. Meninos e meninas entre 9 e 13 anos, recebiam gratuitamente a profissão. Surgira a primeira oportunidade de formação profissional oficial para o sexo feminino na Paris do Século XVIII.¹³ Nessa altura, o balé torna-se conhecido por toda a elite europeia. Graças ao entusiástico patrocínio da Czarina Catarina, a Grande (1729-1796),¹⁴ enciumada com as atividades culturais promovidas pela sofisticada corte de Viena, São Petersburgo torna-se também uma capital cultural. Mestres de balé estrangeiros foram convidados para apresentar seus trabalhos à nobreza russa. Já no período Contemporâneo, em 1860 inaugura-se o principal teatro de bale de São Petersburgo. Batizado com o nome de Mariinsky em 1917, o nome foi trocado para Teatro Acadêmico de Estado para Opera e Ballet. Em 1935 adota o nome de Kirov¹⁵. A escola russa de dança fora precocemente fora celeiro de grandes nomes do balé, tais como, Vaslav Nijinsky (1889-1950) e Anna Pavlova (1881 - 1931). No ano de 1910, Anna funda a sua própria companhia com oito bailarinos de São Petersburgo. Mais tarde, a companhia de Anna Pavlova recebeu a jovem bailarina russa Maria Olenewa (1896-1965). A Cia

¹¹Disponível em: http://www.edukbr.com.br/artemanhas/danca_renascimento.asp. Acesso em: 28 maio. 2005, 22:20.

¹²Ballet ou dança moderna? Uma questão de gênero, Prof^a Dr^a Marília Vieira Soares. Dissertação de mestrado/ECA-USP, 1996. Disponível em: <<http://www.revistaautor.com.br/ensaios>>. Acesso em: 12 fevereiro. 2005, 14:33.

¹³Idem.

¹⁴ Catarina a Grande, déspota esclarecida", foi princesa alemã. Correspondia-se com filósofos franceses e fundou hospitais e orfanatos. Desejosa de ganhar para si um lugar na história intelectual, levantava-se às cinco da manhã para dedicar-se às suas atividades culturais. Responsável por introduzir idéias ocidentais na Rússia. In: BURNS, Edward Mcnall. **Historia da civilização ocidental: do homem das cavernas às nave espaciais**; tradução Donaldson M. Garshagen, 30ª edição, São Paulo, ed. Globo, 1993, p:444.

¹⁵ Revista Bravo ,ano n8º ,maio de 1998, Os guardiães da noites brancas por Ana Francisca Ponzio.

de Anna Pavlova, chega a América do Sul em 1921. Olenewa decide ficar na Argentina lecionando no Teatro Cólón em Buenos Aires de 1922 a 1924, aportando no Brasil em 1927. No mesmo ano, abre sua escola que, mais tarde, seria oficializada como escola de dança do Teatro municipal do Rio de Janeiro¹⁶.

Olenewa muda-se para São Paulo onde leciona em sua própria escola e no Teatro Municipal nos anos de 1948 a 1949¹⁷. Na década de 50, a capital paulistana oferece aulas da balé para um público crescente. Alunas do interior vão a São Paulo a procura do balé. Uma delas é a jovem Damares Antelmo. A bailarina chega a São Paulo em 1963, estudando balé de 63 a 68 na escola de Bailados do Teatro Municipal. Quanto a São José dos Campos, cabe remontar que cidade localizada a 98 quilômetros da capital, São José dos Campos inaugura em 1924 o maior sanatório de do país, para tratamento da tuberculose. Em 1935, eleva-se a Estância Hidromineral, o que passou a receber recursos oficiais que puderam ser aplicados na área sanatorial. Devido a boa infra-estrutura o município recebe em 1947 a instalação do Comando Geral de Tecnologia Aeroespacial-CTA¹⁸ A partir da então, o processo de industrialização do município, dá impulso ao crescimento populacional. Em 1968, chega com a família em São José dos Campos¹⁹. Damares Antelmo abre, em sua casa, a primeira sala de dança do município²⁰.

Conclusão

O ballet que assistimos hoje é fruto do ambiente das cortes italiana e francesa, desenvolvida em corpos russos. Na Rússia, a dança surge atrelada ao poder que governa. Símbolo da autoridade que engloba a cultura,

¹⁶ Foi somente no início dos anos 80 que a escola adotou o nome de sua fundadora. Hoje, conta com 260 alunos e 12 professores. Escola Maria Olenewa é reconhecida pela Secretaria de Educação, o curso é considerado profissionalizante de segundo grau. Disponível em: <<http://www.eedmo.com.br/historia01.htm>>. Acesso em 25 de maio de 2005, 11:34.

¹⁷FARO, Antonio José, SAMPAIO, Luiz Paulo. **Dicionário de Balé de dança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989, p 290.

¹⁸ Disponível e: http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Jos%C3%A9_dos_Campos. Acesso em: 223 jul.0, 18:34.

¹⁹ Informativo do Festival SESC Mobil de ginástica e dança de 1987. Evento ocorrido no SESC da cidade de São José dos Campos.

²⁰ A escola de dança Damares Antelmo localiza-se hoje na Avenida nove de Julho em São José dos Campos. São 37 anos oferecendo aulas de ballet, entre outras modalidades da dança.

intimamente ligada a força da nação, o balé reflete a soberania e vigor do país. Do admirável jardim russo nasce Maria Olenewa. A jovem bailarina chega ao Brasil "sem convite". Aporta no Rio de Janeiro durante o governo de Washington Luís Pereira de Sousa que dura de 1926-1930. Duas grandes preocupações destacam-se no programa administrativo desse governo: construção de estradas e reforma financeira. Tanto é que seu lema fora "Governar é construir estradas".

Olenewa trabalha sem que houvesse apoio direto do governo ou qualquer infra-estrutura adequada para as aulas de balé. Contudo, seu balé chama atenção e conquista espaço com a criação da Escola de Dança do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Semelhante trajetória é percorrida pela jovem Damares Antelmo, que chega a São José dos Campos em 68 sem que houvesse qualquer tipo de convite por parte do poder público. Por iniciativa própria oferece aulas somente a clientela pagante. Diferente do que ocorrido na corte de Luiz XIV e Catarina "A Grande", onde ambos tomaram a iniciativa de financiar amplamente a dança. Logo no Brasil o balé não veio a convite. A dança clássica chega por acaso e sobrevive timidamente como forma de arte, num país repleto de problemas mas que apesar de tudo, possui um povo que admira a beleza dos gestos e expressão de corpos de pessoas que doam suas vidas em função da arte da dança.

Referências bibliográficas

1. CHAUI, Marilena Filosofia, ed Ática, 1ª edição, 2000, São Paulo, p. 129.
2. SANTOS, dos Luíz José, O que é cultura? , coleção primeiros passos, ed Brasiliense, São Paulo, p 11.
3. MISSENO, C. José, Vidança, a dança na vida ou a vida na dança, São Paulo 1986, gráfica OESP, p.11.
4. ZUCOLOTTI, Alexandra.FREIRE, Ana Luíza Gonçalves, A Divina Dança, jornal Cultura & Cia, ed. agosto de 2003, nº20 Porto Alegre RS. Disponível em: www.idance.com.br/artigos. Acesso em 27. out. 2004.
5. MENDES, Miriam Garcia. A DANÇA. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1987, Série Princípios, p.19.
6. RECCO, Thales Augusto Moreira, Martha G: Intersemiotividade e composição coreográfica. Disponível em: www.idance.com.br/artigos. Acesso em 27.out. 2004.
7. BURNS,Edward Mcnall,História da civilização ocidental: do homem das cavernas às navees espaciais; tradução Donaldson M. Garshagen, 39ª edição,São Paulo,ed. Globo, 1993, p: 438, p.444.
8. Disponível em: http://www.edukbr.com.br/artemanhas/danca_renascimento.asp.Acesso em: 28. maio. 2005.
9. SOARES, Marília Vieira. Ballet ou dança moderna? Uma questão de gênero, Síntese dos capítulos II e III do trabalho apresentado como dissertação de mestrado na ECA - USP em 1996.Disponível em:<http://www.revistaautor.com.br/ensaios>. Acesso em: 12. fev. 2005.
10. PONZIO, Ana Francisca, Os guardiões da noites brancas, Revista Bravo ,ano n8º,maio de 1998.
11. Escola Maria Olenewa Disponível em: <http://www.eedmo.com.br/historia01.htm>. Acesso em 25. maio. 2005,
12. FARO, Antonio José, SAMPAIO, Luiz Paulo, dicionário de Balé de dança, ed. Jorge Zahar, Rio de Janeiro , 1989, p 290.
13. Informativo do Festival SESC Mobil de ginástica e dança de 1987.
14. Presidência de Washington Luís Pereira de Sousa, Disponível em: <http://elologica.br.inter.net/crdubeux/hsousa.html>. Acesso em 11 abril. 2006.